

artigos

Celebrar é reinventar as nossas tradições

Gilmara Reis Carvalho
Mirian Carvalho Miranda
Pedagogas

As tradições culturais sertanejas próprias da nossa terra como forró, quadrilha, reisado, bumba-meu-boi, samba de roda, entre outras tantas manifestações que representam a alegria em celebrar a vida, mantêm latentes as demonstrações e vivências repletas de significados que emergem da força do sertão.

A cidade de Araci, localizada no interior da Bahia, a 230 quilômetros da capital Salvador, compartilha de maneira singular as experiências e ritmos que movimentam a cultura popular. Esse interior vai além do "lugar pequeno, distante". Aqui, nos referimos ao lugar de experiências sólidas, contextualizadas e repletas de sentimentos repartidos com o (s) outro(s).

Nesse contexto, três amigas apaixonadas pelas tradições do sertão estavam insatisfeitas com as festas juninas promovidas na cidade, pois nada lembrava os festejos juninos celebrados na mocidade com fogueiras, sanfona, caminho na roça, traduzidas na alegria e simplicidade própria de nossa gente. Então, em 2009, Maria Deny Pinho Barreto, Maria Dulcinéia Dantas Oliveira e Mardinélia Jesus Pinho Dias se reuniram para brincar o típico São João em casa. No ano seguinte, outros amigos gostaram da ideia, uniram-se a elas em resistência ao forró eletrizado e saíram pela cidade vestidos de caipiras, com chinelo de couro, noivos desfilando em carroça enfeitada, casais dançando quadrilha e forró. Nascia o "Arraiá Ar-

raista Chinela", com propósito de festejar o tradicional São João. Nele estava o Grupo de forró pé de serra, muita comida e bebida típica. Há seis anos essa festa acontece e encanta a cidade de Araci. Seus visitantes apreciam a beleza e o respeito às nossas raízes sertanejas. Conforme Araújo (2013, p. 123): "Nas noi-



Gilmara e Miriam

tes de São João, em muitos rincões do Sertão/Sertões, os sertanejos/as fazem ronda, em grupos de amigos e parentes, visitando as casas vizinhas na queimança da fogueira, celebrando seus laços de amizade e parentesco. São encontros prazenteiros pelos terreiros das casas, pelos largos e ruas."

Dessa forma, em Araci, como em tantos outros "interiores", brota a boniteza dos tradicionais festejos juninos. Nosso cenário multicolor reinventa e luta contra o modelo massificador do igual, reconstitui aspectos que acalentam nossas emoções, comprovam a simbologia de nossos repertórios de vida e os enchem de significados.

Celebrar as tradições juninas e nossas raízes sertanejas, diferente do que aparece constantemente no cenário midiático, tem sido "nadar contra a maré", ou seja, é ir de encontro aos modelos que suprimem o diferente para servir a uma lógica consumista de padronização cultural.

Assim, o que se vivencia no grupo "Arrasta Chinela", criado a princípio por casais desejosos em reviver o "verdadeiro São João", é a vontade de compartilhar os festejos juninos em seus trajes, ritmos, gostos e danças, a valência de um todo cultural que insiste em reinventar-se a ponto de mobilizar a todos que apreciam o cortejo nas ruas de Araci. Hoje, as organizadoras precisam estar atentas à quantidade de integrantes que

participam da folia, pois um contingente muito grande pode caracterizar a festa, fugir do espaço em que se consolidam experiências volventes e envolventes com o(s) outro(s), como descreve nosso saudoso e eterno Luís Gonzaga,

Dança Joaquim com Zabé
Luiz com Yaiá
Dança Janjão com Raque
E eu com Sinhá
Traz a cachaça Mané!
Que eu quero ver
Quero ver paia avuar.

ARAÚJO, Miguel Almir Lima de. *Sertania: sabenças de uma saga agridoce*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2013.